

A universidade multicampi e sua escola nômade (saga das mudanças de endereço da ED ao longo dos anos)

*The multi-campus university and its nomadic school
(saga of ED's address changes over the years)*

Alonso Lamy de Miranda Filho



Figura 1: Projeto do Campus da UEMG, em Belo Horizonte.
Fonte: Acervo da UEMG.

Quando fiz inscrição para o vestibular de Desenho Industrial em meados da década de 70, a então Universidade Mineira de Arte, posteriormente foi transformada na Fundação Universidade Mineira de Arte (FUMA), funcionava em um antigo e simpático casarão em terreno da Avenida Augusto de Lima em Belo Horizonte. Anos depois, neste mesmo terreno, foi construído o Edifício Governador Milton Campos, o Fórum Lafayette, inaugurado nos anos 80.

No meu primeiro ano de curso, as aulas da Escola de Design ocorreram no prédio de um grupo escolar, situado junto ao viaduto São Francisco, na confluência do Anel Rodoviário com a Avenida Antônio Carlos. Esse prédio, projetado por Oscar Niemeyer, seria demolido poucos anos depois, para dar lugar a uma das alças de acesso ao Anel Rodoviário junto ao viaduto. Enquanto a obra viária não começava, utilizamos temporariamente o prédio do grupo escolar como endereço da Escola de Design.

A ESDI do Rio de Janeiro - Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ, a outra mais antiga Escola de Design do Brasil, estabelecida na década de 50, funciona em seu endereço (Rua do Passeio 80, Lapa) desde 1963.

Em contrapartida, ao longo dos anos, os endereços da Escola de Design da UEMG sempre foram temporários, adaptados em imóveis disponíveis na cidade para abrigar nossa instituição. Em alguns deles, a permanência foi breve, como no caso do prédio próximo ao Anel Rodoviário; em outros, ficamos um pouco mais, sempre aguardando um local definitivo, projetado e construído para atender adequadamente às nossas necessidades.

O primeiro endereço que tivemos por um período mais longo foi na Avenida Amazonas, bairro da Gameleira. Apesar das dificuldades físicas por se tratar de um imóvel antigo e carente de reformas periódicas, foi um espaço de grandes produções acadêmicas e acontecimentos, deixando boas lembranças. Esse terreno na Gameleira foi transferido definitivamente para nós em permuta por uma área de propriedade da FUMA no bairro Santa Lúcia, onde pretendíamos construir nossa sede.

Projetos desenvolvidos em seus laboratórios e salas de aula resultaram, muitas vezes, na conquista de prêmios importantes, alicerçando o prestígio que a Escola de Design possui no Brasil e no exterior.

Um celeiro de grandes talentos. Alguns deles seguiram carreira acadêmica e integram ou integraram nosso corpo docente. Antigos alunos, hoje pós-graduados, Mestres, Doutores, são motivo de grande orgulho para nossa história.

Sendo injusto por não fazer aqui um relato amplo, completo, mencionando todos nossos colegas e seus bons trabalhos conduzidos nesse período na Gameleira (e em todos os nossos 70 anos), faço uma referência especial a um de nossos docentes por sua valiosa dedicação a Escola de Design:

O saudoso Professor Romeu Dâmaso, fundador do Centro Design Empresas da UEMG. Um fervoroso amante de nossa profissão e, entre muitas outras coisas, responsável por divulgar periodicamente os bons trabalhos e projetos produzidos por nossos alunos em eventos montados em espaços nobres da cidade, como nos salões do antigo prédio sede da IBM na Avenida Getúlio Vargas (Savassi) e nas galerias do Ponteio Lar Shopping.

O Professor Romeu Dâmaso infelizmente nos deixou muito cedo em 2011. Homenageá-lo com o título de Professor Emérito (post-mortem) seria muito justo, como sugeriu o grande amigo,

Professor Roberto Werneck, durante evento comemorativo em que fomos agraciados recentemente. Entendo que pretendem fazê-lo em uma próxima oportunidade.

O nosso endereço na Gameleira também teve sua ocupação parcialmente interrompida por necessidade de reformas no conjunto de suas salas de aula afetadas por fortes chuvas e que ameaçavam desabar. As salas de aula da Escola foram então instaladas provisoriamente em um prédio comercial na Avenida Antônio Carlos na região da Lagoinha por um período de dois anos, entre 2003 e 2004.

Na Gameleira, foram mantidos nesse período o prédio de dois andares onde ficavam as áreas administrativas, o importante, reconhecido e premiado Centro de Pesquisas em Design e Ergonomia (CPqD), criado e conduzido pelo Professor Jairo Drummond Câmara (querido ex-aluno), além do arquivo, a biblioteca e também o galpão das oficinas, espaços que não foram afetados pelas chuvas.

Essa mudança foi um momento um tanto deprimente para os alunos e professores que ocupavam as antigas instalações na Gameleira; a troca de um espaço amplo e arborizado (lembro-me bem da grande e bela árvore na entrada pela Avenida Amazonas) por um conjunto de corredores escuros, salas mal ventiladas em um ambiente funcionando permanentemente sob iluminação artificial.

O endereço provisório da Escola foi batizado pelos alunos, num protesto sutil, como “Carandiru”.

Alguns anos após a experiência no “Carandiru” por interesses político/comerciais do Governo do Estado de Minas Gerais e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, o imóvel da Gameleira foi requisitado para complementar e finalizar o projeto do Expominas BH, de autoria do Arquiteto Gustavo Penna e sua equipe. Por negociações acertadas entre o Governo do Estado, a Prefeitura e a UEMG, proprietária do imóvel onde a ED estava instalada, o terreno que interessavam incorporar ao projeto do Expominas BH só seria cedido em troca de um outro endereço na capital com plenas condições de acomodar nossas instalações, com uma transferência de posse entre os dois imóveis.

Não foi uma tarefa fácil encontrar um local disponível e adequado para uma nova e complexa mudança contemplando espaços para salas de aula, laboratórios, oficinas, áreas administrativas, biblioteca, uma área de cantina e um estacionamento, mesmo que de capacidade limitada.

Depois de muitas visitas, tentativas e negociações, no ano de 2005 nos mudamos para o prédio da Avenida Antônio Carlos 7545, bairro São Luís, anteriormente ocupado pela Regional Pampulha da Prefeitura Municipal. Finalmente um local para nossas novas instalações, com a posse do imóvel garantida, assegurando que só sairíamos dali para um endereço ainda melhor.

Quando nos mudamos para o novo endereço, as antigas instalações na Gameleira foram demolidas e a bela árvore da entrada pela Avenida Amazonas, desnecessária e lamentavelmente cortada, deu lugar a um grande e árido estacionamento, a sol aberto.

Foi um alento, entretanto, saber que poderíamos ficar no novo endereço da Avenida Antônio Carlos com uma área total construída de aproximadamente 9.000 m², por tempo indeterminado.



*Figura 2: Edifício da Av. Antônio Carlos que abrigou a Escola de Design.
Fonte: Acervo da UEMG.*

Embora diferente da escola de espaço predominantemente horizontal da Gameleira, nos acomodamos razoavelmente bem num prédio de 11 pavimentos, com uma ampla área no nível térreo para um salão, auditório, biblioteca, secretaria administrativa, oficinas e um estacionamento no subsolo.

Havia também em um nível intermediário (3º piso) um espaçoso terraço com um salão de descanso para alunos, professores e funcionários nos intervalos entre suas atividades, um café/cantina, sala de jogos e uma lojinha de materiais. As áreas descobertas desse terraço foram muito utilizadas também por alunos e professores, suprimindo, de certa forma, a carência de uma quadra como a que tínhamos na Gameleira.

No prédio da Avenida Antônio Carlos, fizemos alguns estudos para melhoria de segurança, com o projeto de uma adequada escada de proteção contra incêndios, uma vez que a escada existente não atendia às mínimas exigências legais neste sentido. Não conseguimos recursos com o Governo

do Estado para a construção desse equipamento e o público usuário do prédio conviveu com esta situação de risco durante todo o período que utilizamos o imóvel.

Curiosamente, a Reitoria da UEMG também teve (e ainda tem) seus momentos itinerantes, passando algumas vezes por mudanças de endereço. Por um período, na gestão dos Reitores Aluísio Pimenta, Gerson Bozon e José Antônio dos Reis (todos já falecidos), funcionou num dos prédios do Circuito Cultural Praça da Liberdade, onde hoje está instalado o Espaço do Conhecimento UFMG.

Na sequência, ocupou um prédio na Rua Rio de Janeiro, durante a gestão da Reitora Janete Gomes Barreto Paiva, transferindo-se, em seguida, na gestão do Reitor Dijon de Moraes Júnior (2010 a 2018), para novas instalações no Centro Administrativo do Estado de Minas Gerais.

O Professor Dijon, no seu primeiro mandato como Reitor, retomou o projeto para o Campus BH da Universidade do Estado de Minas Gerais, em terreno de 100.000 m² doado pelo Governo do Estado na Avenida José Cândido da Silveira, no bairro do Horto. O projeto foi encomendado pelo falecido Reitor José Antônio e que não teve continuidade da gestão da Reitora Janete.

Fui convidado pelo Professor Dijon para acompanhar a continuidade do projeto do Campus BH, que previa prédios para a Reitoria, para as instalações da futura Escola de Design e também das demais unidades da UEMG, espalhadas em outros endereços na cidade, exceto da Escola Guignard, que já possuía prédio próprio no bairro da Mangabeiras e que lá deveria permanecer, ficando previsto no Campus um prédio reserva para sua futura expansão, como mostra a maquete da Figura 1.

O trabalho da equipe de arquitetos e engenheiros na Reitoria, com o apoio técnico das equipes do Departamento de Obras Públicas do Estado de Minas Gerais (DEOP) e da empresa contratada para elaboração dos projetos executivos do Campus, foi ajustar as áreas do projeto existente e compatibilizar os programas das unidades para atender seus futuros ocupantes da forma mais adequada possível.

No período que trabalhei na Reitoria da UEMG na Cidade Administrativa, propusemos de layouts para as instalações definitivas da Escola de Design num dos edifícios do Campus BH da UEMG. Os layouts das áreas da ED no Campus estavam terminados, bem como concluídos todos os projetos executivos das edificações e da infraestrutura pretendida, quando surgiu um fato novo: a hipótese de ocuparmos o prédio da Praça da Liberdade (antiga sede do IPSEMG - Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais), um edifício tombado pelo Patrimônio Histórico que integra o Patrimônio Cultural - Circuito Liberdade.

Havia um movimento do Ministério Público de Minas Gerais contra a pretensão de uso desse edifício para a instalação de um hotel (o Fasano). Em 2012, o IPSEMG e o Governo do Estado revogaram a licitação que previa a instalação deste hotel.

Concomitantemente, o Governador Antônio Anastasia, entendendo que o Circuito Liberdade poderia ter um uso mais apropriado para o prédio, solicitou um estudo de adequação de uso do edifício para a UEMG, avaliando uma possível mudança da Escola de Design para lá.

Abraçamos entusiasmados a oportunidade e foi produzido então um documento de justificativas e intenções para o Professor Dijon apresentar ao Governador Anastasia. Um belo caderno argumentação montado pelas professoras Giselle Hissa Safar, Maria Bernadete Teixeira e Mariana Misk, com textos convincentes e os possíveis layouts da ED na ocupação do prédio, ressalta

a contribuição que a Escola poderia dar ao espaço cultural com sua presença entre os outros importantes prédios na Praça da Liberdade.

O Governador aprovou nossa proposta, até então tratada em sigilo por estar o edifício em endereço nobre, objeto de muito interesse de várias instituições públicas e privadas e ainda, com pendências jurídicas com o processo de revogação da licitação anterior que propunha o uso do prédio como hotel.



Figura 3: Assinatura do Governador Antônio Anastasia assinou a ordem de serviço autorizando a reforma e transferência do edifício para a Universidade do Estado de Minas Gerais, na presença do Reitor Dijon De Moraes, em 2012. Fonte: Acervo da UEMG

Na cerimônia de abertura da IV Bienal Brasileira de Design (ocorrida em BH entre 19/09/2012 e 31/10/2012), no auditório do Palácio das Artes, o Governador Antônio Anastasia assinou a ordem de serviço autorizando a reforma e transferência do edifício para a Universidade do Estado de Minas Gerais informando pela primeira vez ao público a proposta para as futuras instalações da Escola de Design (Figura 3).

As obras de restauração do prédio ocorreram em sua maioria entre 2012 e 2018 e, após atrasos compreensíveis por ajustes no complexo empreendimento pelo Governo, IEPHA-MG e PBH, foram concluídas em 2020, quando a ED se mudou para o novo edifício. Por ser tombado pelo Patrimônio Histórico, a obra foi naturalmente mais lenta, exigindo atenção minuciosa ao resgate de todos os detalhes.

O projeto original (1960-1964) de autoria do Arquiteto e Professor Rafael Hardy Filho, é um dos três exemplos da arquitetura modernista na Praça da Liberdade, ao lado da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (1955-1961) e do Edifício Niemeyer (1954-1955), ambos assinados por Oscar Niemeyer.

O projeto, as obras e algumas curiosidades

Logo de início, foi necessária uma negociação com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) para que fosse permitida uma alteração no projeto original, incluindo duas novas escadas de prevenção contra incêndio, adequando o prédio às normas de segurança vigentes.

Edifícios utilizados por escolas são observados de perto e rigidamente controlados pelo Corpo de Bombeiros em Belo Horizonte. As normas de dimensionamento para vazão de escadas de escape nesses casos são as mais exigentes dentre todos os tipos de edificação.

A comoção pelo incêndio da Boate Kiss na cidade gaúcha de Santa Maria, que matou 242 jovens em janeiro de 2013 sensibilizou a Diretoria do IEPHA que flexibilizou, neste caso, as rígidas exigências de um projeto de restauração onde as características originais de um edifício tombado são, em geral, intransigentemente mantidas.

As novas escadas foram aprovadas, com a condição que seus volumes fossem tratados de forma a integrar com discrição a volumetria original do prédio e os materiais de acabamento no seu revestimento externo (o prédio tem 11 pavimentos e elas teriam que atender a todos eles).

Por sua vez, o revestimento externo era composto em pastilhas cerâmicas cuja escala e combinação mesclada de cores não estava mais disponível no mercado. Um minucioso estudo fotográfico foi feito em alguns metros quadrados da fachada para que pudéssemos identificar o percentual de cada cor de pastilha utilizada e suas respectivas proporções na composição do revestimento original.

Foi então possível encomendar aos fabricantes uma nova quantidade dessas pastilhas para o revestimento total de todos os panos de fachadas. Foram substituídas as existentes que apresentavam diversas falhas, manchas, trincas e defeitos e que, por consequência, não teriam como ser integradas cromaticamente e em conformidade com as novas pastilhas encomendadas.

Outra substituição onerosa e demorada foi a da caixilharia. Originalmente fabricada e instalada em aço carbono para pintura, apresentava graves problemas de funcionamento por corrosão do material ao longo dos anos. Recuperá-la para ajustes dos funcionamentos emperrados das janelas e posterior pintura seria mais demorado e caro do que uma troca completa por caixilhos em alumínio, material mais resistente e perene.



Figura 4: Fase de reforma e restauro do Edifício da Praça da Liberdade (2015-2020).

Fonte: Acervo da UEMG.

A substituição foi autorizada, desde que fossem observadas as proporções dos perfis, dos vãos em vidro plano transparente, os tipos de abertura dos sistemas de janelas e portas adotados no projeto original. Na parte da fachada correspondente ao hall de entrada em pé direito duplo a caixilharia em alumínio teve que ser reforçada para suportar o vão, implicando em outros custos adicionais ao projeto.

Ao todo, o Governo do Estado liberou inicialmente uma verba de 30 milhões de reais para o custeio da reforma. Com os aditivos decorrentes de ajustes no cronograma e as consequentes atualizações contratuais de verbas devidas pelas obras, esse montante ultrapassou os 40 milhões de reais.

Infelizmente, o total inicialmente disponibilizado (mesmo prevendo os aditivos) não era suficiente dentro do orçamento para uma completa reforma. Foram então solicitados estudos de cortes, um “pente-fino” nas especificações com mudanças a adotar, sem a perda de qualidade ou segurança.

Mesmo assim, foi retirada do orçamento e do cronograma previsto para as obras a verba destinada a construção de um auditório, uma sala para 244 lugares projetada com acesso pelo segundo piso (mezanino) que lhe serviria como foyer.

O projeto desse auditório está aprovado junto à PBH e prevê uma estrutura metálica a ser construída sobre o atual estacionamento (hoje a céu aberto) aos fundos da edificação e integrado aos demais pavimentos do projeto. Resta agora aguardar por recursos e investimentos para que este espaço, tão necessário e importante possa ser finalizado, complementando o projeto original de restauro.

Uma outra oportunidade interessante ocorreu durante o andamento das obras de restauração: a área prevista para uma loja e seu correspondente mezanino é um espaço muito nobre e cobiçado por ter um acesso direto à Praça da Liberdade. Nossa proposta original foi arrendar esse espaço para uma livraria/café que fosse especializada em títulos das áreas de arte, cultura, design e arquitetura, consolidando o ponto como uma outra oferta cultural para o público que frequenta os equipamentos do Circuito Liberdade.

Amiga pessoal do então Governador Anastasia, a modelo e empresária Bethy Lagardère ofereceu ao Antônio (maneira sem formalidades com que ela trata e se refere ao Ex-Governador) uma exclusiva coleção de vestidos utilizados em desfiles ao longo de sua história nas passarelas. Bethy Lagardère foi uma das primeiras modelos a desfilarem para o famoso estilista brasileiro, Dener Pamplona que faleceu em 1978. Ela é natural de Belo Horizonte fez carreira nas passarelas internacionais e reside em Paris. Viúva e herdeira do empresário Jean-Luc Lagardère (1928-2003), fundador de um dos maiores conglomerados empresariais da França e que tem, entre seus vários negócios, a empresa de aviação AIRBUS.

Conheci Bethy Lagardère quando visitou as obras de reforma do prédio e estudava com o Governador Anastasia a possibilidade de instalar na área do nível térreo um museu dedicado à moda mineira e seus estilistas. Muito bonita, simpática, de trato gentil e simples, usando jeans e vestida sem nenhuma ostentação, conversamos sem nenhuma formalidade, sentados em blocos de concreto empilhados na obra sobre suas ideias para o museu. Depois desta primeira visita, Lagardère convidou o arquiteto Paulo Jacobsen (que assina o projeto do Museu de Arte do Rio - MAR) para vir à BH, conhecer o espaço e apresentar uma proposta de projeto para o museu.

Estivemos posteriormente com Jacobsen e Lagardère na obra e ficamos aguardando de um desdobramento dessas negociações para a continuidade da proposta. Um bom tempo se passou sem que tivéssemos uma definição para a sequência desse projeto. Enquanto isso a obra caminhava e os acabamentos internos do espaço da loja e mezanino foram deixados para o final, evitando possíveis mudanças e perda de materiais quando das instalações do museu.

Quando não foi possível mais aguardar, Anastasia ligou para Bethy informando sobre o andamento da obra e para saber se as intenções dela no projeto ainda deveriam ser consideradas.

O governador confidenciou à Dijon a resposta de Lagardère:

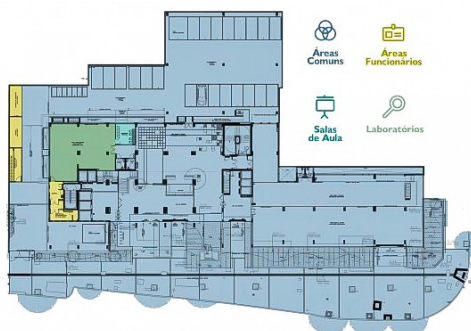
“Antônio, eu estou com algumas dificuldades no momento...”

Ao que Anastasia, às gargalhadas, comentou com Dijon, reitor na época:

“Se ela está em dificuldades, imagine a gente!...”

A oferta do curso Design de Moda foi finalmente incorporada às habilitações oferecidas pela ED e o curso tem sido muito concorrido, conforme já esperávamos. Quem sabe um dia o projeto do Museu sai da gaveta e com ele, a reboque, recursos para a construção do nosso desejado auditório.

Livre pensar...



(a)



(b)

Figura 5: Plantas dos pisos 1(a) e 2(b) do projeto da Escola de Design.
Fonte: Acervo da UEMG.



Figura 6: Espaço Cultural da Escola de Design.
Fonte: Acervo da UEMG.



Figura 7: Vista externa do prédio reformado e restaurado a partir da alameda lateral da Praça da Liberdade. Fonte: ARQBH (<https://www.arqbh.com.br/>).



*Figura 8: Vista externa do prédio reformado e restaurado, na Rua Gonçalves Dias.
Fonte: ARQBH (<https://www.arqbh.com.br/>).*



*Figura 9: Detalhe da fachada da entrada da Escola de Design na Rua Gonçalves Dias.
Fonte: ARQBH (<https://www.arqbh.com.br/>).*

Sobre o autor

Alonso Lamy de Miranda Filho é graduado como Engenheiro Arquiteto pela Universidade Federal de Minas Gerais (1976) e *Master of Science in Design* pelo *Institute of Design, Illinois Institute of Technology, Chicago-USA* (1983). Atuou como professor da Universidade do Estado de Minas Gerais, atualmente está aposentado, tendo recebido o título honorífico de Professor Emérito da UEMG. Experiência na área de Desenho Industrial, com foco na conceituação, desenvolvimento e mercado de novos produtos.

E-mail: alonso_lamy@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6746931715483253>